

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CURSO DE JORNALISMO

JOÃO VICTOR MENEZES BORGES

**A RELAÇÃO DO JORNALISMO COM A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: UM
ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA DA FIGURA DO NEGRO EM
CRÔNICAS DO SÉCULO XX**

SÃO BORJA

2024

JOÃO VICTOR MENEZES BORGES

**A RELAÇÃO DO JORNALISMO COM A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: UM
ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA DA FIGURA DO NEGRO EM
CRÔNICAS DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Eduardo Vieira da Silva

SÃO BORJA

2024

JOÃO VICTOR MENEZES BORGES

A RELAÇÃO DO JORNALISMO COM A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA DO NEGRO EM CRÔNICAS DO SÉCULO XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Me. Eduardo Vieira da Silva

Orientador

(Unipampa)

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

Unipampa

Prof. Dra. Adriana Ruschel Duval

Unipampa



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/12/2024, às 21:55, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/12/2024, às 13:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **EDUARDO VIEIRA DA SILVA, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 10/12/2024, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1621426** e o código CRC **106A8567**.

(Espaço reservado para catálogo bibliográfico)

Agradecimento

Para minha mãe. A maior guerreira que já conheci na vida, que dia após dia, noite após noite, nunca poupou esforços para me ajudar na realização dos meus sonhos e objetivos. Não há palavras e nem agradecimentos suficientes que eu possa te dar por tudo que fez e ainda faz por mim. Minha gratidão vai ser eterna e espero poder recompensar todo teu esforço. Te amo incondicionalmente.

Para meu pai. A pessoa mais trabalhadora que já conheci na vida, que sempre moveu mundos e fundos para que eu pudesse ser quem eu sou hoje em dia. Não tenho como mensurar e escrever agradecimentos por tudo que fez e ainda faz por mim. A maior recompensa que posso te dar é o sentimento de orgulho como seu filho. Te amo incansavelmente.

Para meus tios, Jorge e Terezinha. Obrigado pelo carinho incondicional que me deram por toda minha vida. Dindo, o sentimento de companheirismo que o senhor me deu nunca deixarei apagar dentro de mim. Tetê, mesmo longe, aí do Céu, sei que está cuidando de mim, sinto teu carinho e amor todos dias. Amo cada um de vocês.

Para minha Dinda. Tenho sorte de ter alguém como você na minha vida. Obrigado por todos os momentos de felicidades que passamos juntos, o carinho que tem por mim, jamais poderia parar de agradecer. Te amo infinitamente.

Para minhas avós. Sempre carinhosas e amorosas, obrigado por me incentivarem em todos os aspectos do meu ser, principalmente na minha formação enquanto ser humano. Obrigado pelo apoio incansável.

Ao professor Eduardo. Obrigado por ter embarcado junto de mim nesta jornada durante o desenvolvimento deste projeto.

Ao professor Leandro. Além de um grande professor, uma inspiração como ser humano para todos que passaram por sua tutela enquanto alunos. Agradeço por ter despertado ainda mais minha paixão pela literatura, nas suas aulas de Produção Literária.

Aos amigos que fiz durante toda minha jornada em São Borja, levarei todos comigo para onde quer que o destino me leve.

E aos professores do curso de Jornalismo da Unipampa, cada um contribuiu para a minha formação enquanto acadêmico e ser humano.

“É chegada no mundo – escrevia em 1948 – a hora de reformarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente, que nada adianta; mas socialmente, que é tudo.”

- Lima Barreto

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma análise semântica textual acerca da representação da figura da pessoa negra dentro da literatura e do jornalismo brasileiro, nas visões de João do Rio e Lima Barreto. Para atingir esse objetivo, foi feita uma pesquisa em textos do século passado de ambos os autores, interpretando palavras e frases para, assim, compreender como as obras refletiam a sociedade pós-abolição da escravidão do Brasil diante da liberdade das pessoas negras. Para isso, foi utilizado o método de Análise Textual Semântica, fazendo o uso da Linguística Sistêmico-Funcional para a obtenção dos objetivos estabelecidos dentro deste trabalho. A partir da concretização do objetivo principal deste trabalho, foi buscado trazer novas perspectivas para as discussões raciais que vêm em grande crescente no nosso país atualmente.

Palavras-chave: Literatura negra; Análise Semântica; Linguística Sistêmico-Funcional; João do Rio; Lima Barreto

Abstract

This study presents semantic analysis on the representation of black people in Brazilian literature and journalism, in the views of João do Rio and Lima Barreto, Brazilian authors. In order to achieve this goal, a research was carried out on texts from the last century by both authors, interpreting words and phrases in order to understand how the works reflected the post-abolition society of slavery in Brazil and how it behaved in the face of the freedom of black people. For this, the Semantic Textual Analysis method was used, using Systemic-Functional Linguistics to achieve the objectives proposed in this work. By achieving the main objective of this work, we sought to bring new perspectives to the racial discussions that are growing in our country today.

Keywords: Black literature; Semantic analysis; Systemic-Functional Linguistics; João do Rio; Lima Barreto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Problemática.....	10
1.2. Objetivos.....	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
3. FUNDAMENTOS E CAMINHO PARA AS ANÁLISES.....	19
4. ANÁLISES DAS CRÔNICAS.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, em um recorte que abrange os últimos 20 anos, passa por uma crescente discussão das questões raciais que sempre estiveram presentes na nossa sociedade, mas que nunca foram devidamente colocadas em pauta. Hoje, são debatidas com frequência questões que implicam em um povo que, por muito tempo, foi impedido de ter uma vida digna. E isso vem mudando de tempos para cá, com diversas leis devolvendo uma dignidade que nunca deveria ter sido negada. Um exemplo disso são as cotas raciais, que oportunizam às pessoas negras o acesso a uma educação de nível superior, algo que, anos atrás, seria impensável dentro da nossa esfera social com passado de escravidão. Outro exemplo que pode ser citado, é a recente adesão do Dia da Consciência Negra como feriado nacional, data da morte de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares, resistência contra a escravidão no Brasil. A lei, sancionada no final de 2023, torna o dia 20 de novembro como um marco de um movimento que preza pela apreciação e valorização das raízes africanas e que, também, serviu de principal mote para a afirmação da identidade negra no enfrentamento de obstáculos históricos. Deve-se destacar, também, a importância do Movimento Negro Unificado (MNU) que iniciou as discussões para a instauração de uma data que simbolizasse a resistência ao racismo no país, contestando a data de 13 de maio, dia em que fora assinada a Lei Áurea. Esses movimentos devem ser lembrados dentro do letramento racial dentro da sociedade, principalmente no âmbito educacional brasileiro, pois isso traz a conscientização do racismo e desenvolve ações que combatem esse preconceito que ainda é perceptível em nosso país. Esse conceito deve ser implementado de forma concisa dentro das grades curriculares do sistema educacional brasileiro para que o preconceito racial seja exterminado de todas as esferas sociais. É como consta no artigo “Letramento Racial: um desafio para todos nós”, da socióloga Neide Almeida:

“O letramento racial está relacionado principalmente com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas. Se não admitirmos que nossa sociedade é organizada a partir de uma perspectiva eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco, trabalharemos com uma falsa e insustentável ideia de igualdade, porque o racismo é estrutural e institucional.” (ALMEIDA, 2017, p. 1).

Devido às premiações de Itamar Vieira Jr, com seu livro “Torto Arado”, no Prêmio Jabuti, além da recuperação histórica da escritora Carolina Maria de Jesus, autora do livro “Quarto de despejo - Diário de uma favelada” e de outra potência literária do país, Conceição Evaristo, o tema deste trabalho foi escolhido devido à relevância com que as discussões raciais vêm ganhando força no Brasil. Essas discussões vêm desde os tempos pós-escravidão, ilustradas em crônicas literárias e jornalísticas de autores contemporâneos. Desta forma, este trabalho se propõe a analisar crônicas jornalísticas e literárias, ligada a escritores brasileiros, especialmente de origem negra, como Lima Barreto e João do Rio, buscando entender como era representada a figura da pessoa negra nas obras dos autores, a partir dos discursos de linguagem, trazendo reflexões sobre as suas contribuições literárias para a cultura brasileira. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica aprofundada de livros de crônicas e de textos jornalísticos da biografia dos autores, analisando a maneira como foram redigidos por eles, seus modos de escrita, linguagem, bem como a construção dos textos. Também serão utilizados para pesquisa artigos da análise textual semântica e do método aplicado, a Linguística Sistêmico-Textual, que justificaram o mote principal deste trabalho.

Como justificativa acadêmica deste trabalho, pode se destacar o exponencial aumento no debate sobre escritores e literatura negra e sua importância dentro do cenário cultural e social do Brasil nos últimos tempos. Em reportagem realizada pela CNN Brasil¹, foi constatado que apenas 3 entre 10 educadores, possuíam autores negros em sua grade. A reportagem também mostrou que, cerca de 67,21% dos educadores demonstram uma preocupação em trabalhar com o tema Educação Antirracista. Como justificativa social, podemos destacar a influência destes autores (as) na exposição de períodos da história brasileira tomados por pensamentos racistas e escravocratas. Além dos recentes debates sobre como essas questões raciais do passado ajudam a refletir a nossa atual sociedade.

Como justificativa pessoal para o tema, destaca-se um apreço pela literatura negra e seus escritores, e pela luta da população negra brasileira, que enfrenta batalhas dentro da sociedade, tanto antiga - com seu passado escravocrata - quanto a atual - onde mesmo com seu espaço e local de fala, ainda enfrenta preconceitos. Isso se junta ao fato do autor do presente TCC, ser negro e ter alcançado um lugar dentro de uma formação de nível acadêmico pelo sistema de cotas das universidades públicas, que julga ser de extrema importância dentro

1
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/apenas-3-em-cada-10-educadores-tem-autores-negros-na-grade-diz-levantamento/#:~:text=WW-,Apenas%203%20em%20cada%2010%20educadores,negros%20na%20grade%2C%20di z%20levantamento&text=Mesmo%20que%2098%25%20dos%20educadores,Oeste%2C%2055%2C2%25.>

de um país de desigualdade educacional desde o ensino fundamental até o superior, e que conhece, muito bem, todas as lutas e barreiras a serem quebradas por pessoas negras para que possam ter uma vida livre de julgamentos e preconceitos e igualmente digna.

1.1. Problemática

A problemática a ser respondida é como a figura social e histórica do negro era representada nas crônicas dos autores Lima Barreto e João do Rio, partindo de uma análise linguística e textual na construção das crônicas e textos desses autores. Como essa figura era moldada dentro das entrelinhas das obras destes respectivos autores. Se, no contexto de sociedade em que ambos estavam inseridos, a forma como a figura da pessoa negra era representada de maneira contrastante nos dois autores, levando em consideração suas formas de escrita e linguística, questões de identidade enquanto pessoas negras e construção linear nas crônicas que produziram ao longo dos anos. E como isso reflete nas discussões atuais no Brasil.

Outro ponto que se alinha com a problemática a ser elucidada, é como o racismo dentro do Brasil ainda se mostra presente na sociedade atual, mas de forma diferente do século passado, onde o preconceito se mostrava de forma mais escancarada que na contemporaneidade. O racismo, que figurava em textos de João do Rio, e que condizem com a época em que ele vivia, atualmente se apresenta nas estruturas sociais do Brasil, onde pensamentos retrógrados muitas vezes são reutilizados e revivem discursos preconceituosos que há muito tempo foram combatidos pela população negra do país e que exterminaram uma vivência indigna para esse povo.

1.2. Objetivos

O objetivo geral alcançado, dadas as pesquisas, foi de entender, a partir do contraste de visões literárias e de discursos linguísticos, como a figura da pessoa negra era retratada nas crônicas jornalísticas dos autores João do Rio e Lima Barreto. Para alcançar este objetivo, foi

necessário estudar autores, como ambos os escolhidos, que tenham pontos de vista contrastantes sobre a figura do negro dentro dos livros, analisando de forma crítica seus discursos em cada uma de suas obras e, desse modo, entender: como eles representavam essa figura em suas obras?

O trabalho também se dispôs a alcançar três objetivos específicos, como as análises realizadas no decorrer do trabalho se relacionam com o jornalismo, onde foi buscado entender como isso pode ser utilizado dentro da profissão, como os autores expressam suas visões, atingindo um entendimento da forma discursiva de cada um e seus modos de escrita e como este tema pode acrescentar aos debates raciais do Brasil, indo em busca de ligações durante as análises que se relacionam com as discussões sobre esse assunto no país.

Estes objetivos adicionais buscaram, além de complementar o objetivo geral, compreender outros aspectos que ajudam nos debates raciais do nosso país, além de entender como isso reflete em uma profissão de comunicação, neste caso, o jornalismo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

As pesquisas para a fundamentação da metodologia do presente trabalho foram realizadas entre outubro de 2022 e agosto de 2024, através do site Google Acadêmico, chegando em 30 títulos que se relacionam com a temática deste projeto. As palavras-chave utilizadas para chegar nestes títulos foram: Literatura negra; literatura afro-brasileira; crônicas literárias; crônicas jornalísticas; análise textual semântica; linguística sistêmico-funcional. Dentre as inúmeras pesquisas, 5 artigos foram escolhidos para uma maior pesquisa, além de 6 crônicas de João do Rio e 5 de Lima Barreto, selecionadas para a realização das análises. Os títulos destes artigos e textos estão elencados e descritos na tabela 1 abaixo:

Tabela 1

ARTIGOS/OBRAS SELECIONADOS	MOTIVO
A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas	Traz uma reflexão crítica sobre a representação do negro em obras destinadas ao público adulto e infanto-juvenil
Escravidão em pauta: Uma análise das crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto que apresentam a figura do negro na sociedade brasileira	Enfoque em como as crônicas eram usadas para dar luz a uma parte da sociedade e trazer uma reflexão
Etnicidade, memória e poder nas crônicas de Lima Barreto e João do Rio: Entre o Dilema e o Silenciamento	Análise da visão dos autores sobre as mudanças ocorridas na sociedade em sua época
Personalidades Negras - o escritor Lima Barreto	Traz a história e estilo de escrita de Lima Barreto
Literatura Negra - Representação e (Re) Construção da Identidade	Fala sobre a construção da identidade de pessoas negras com o estudo da literatura nas salas de aula
A Linguística Sistêmico-Funcional	Método utilizado para a análise do trabalho em si
Semântica, Pragmática e Tradução	Explicação do que é a semântica e sua funcionalidade
Cultura e Representação	Conceito de representação social
Identidade Negra entre exclusão e liberdade	Conceito da figura social da pessoa negra

A Alma Encantadora das Ruas - João do Rio	Obra utilizada para a realização das análises
As Religiões no Rio - João do Rio	Obra utilizada para a realização das análises
Dentro da Noite - João do Rio	Obra utilizada para a realização das análises
Diário Íntimo - Lima Barreto	Obra utilizada para a realização das análises
Marginália - Lima Barreto	Obra utilizada para a realização das análises
Vida Urbana - Lima Barreto	Obra utilizada para a realização das análises

Os títulos foram selecionados por seus temas e relevância para a pesquisa, pois todos carregam um pouco do assunto que será buscado por este trabalho. Dentre os 30 títulos, os selecionados se mostraram de grande afinidade para fundamentar a pesquisa e análise realizada.

Cada um deles possui características que destrincham histórias e textos provenientes da literatura negra e que trazem, também, questões da representação literária de pessoas negras - vida, identidade, entre outros aspectos - em crônicas jornalísticas e literárias. Também foi a maneira de chegar nos artigos utilizados para pesquisa mais aprofundada do texto, pois ambos - *Literatura Negra: Representação e (Re) Construção da Identidade e Escravidão em pauta: Uma análise das crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto que apresentam a figura do negro na sociedade brasileira* - sintetizam, em diversos pontos, os aspectos que serão abordados e analisados durante o trabalho. Além dos artigos “*A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações*”, de Záira Bomfante dos Santos, e “*Semântica, Pragmática e Tradução*” de Albeiro Mejia Trujillo, que exemplificam os fundamentos que foram utilizados neste trabalho.

Para atingir um resultado satisfatório e alcançar o objetivo de pesquisa para o tema deste trabalho, foi necessário estabelecer uma base teórica através do aprofundamento de leituras e reflexões nos artigos condizentes com a temática escolhida. Para isso, esta revisão teórica serve de apresentação das fundamentações de pesquisa acerca do tópico, servindo de base para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso.

O artigo “*A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas*”, de Suely Dulce de Castilho, é uma análise crítica de como a figura do negro é representada dentro de obras destinadas ao público adulto e infanto-juvenil. Logo no seu início, o artigo

pontua que a figura da pessoa negra antes de 1850 - época em que o tráfico de escravos não havia sido abolido - dentro da literatura brasileira era praticamente inexistente

Esse silenciamento pode ser explicado, por um lado, sob a ótica de que o escritor brasileiro não considerava o escravo como ser humano e por outro, é possível que a maior parte dos escritores tenha surgido em função dos senhores de escravos, ou dependeu do amparo das instituições escravocratas. Ou seja, estava do lado dos opressores e não poderia dar atenção aos oprimidos. (de Castilho, 2004, p 104).

A análise feita pelo artigo mostra como, mesmo após a abolição da escravatura, o papel do negro ainda era retratado de forma estereotipada, carregado de ódio e preconceito de autores, demonstrados em como eram descritas as características dos personagens não-caucasianos de contos e livros:

Simultaneamente, nesse período o negro é retratado por exageradas descrições de feiúra e bestialidade: “o carão do negro, estúpido e truculento do carrasco... fuzilava-lhe nas feições o garbo bestial do crime... O olhar sanhudo, coado através de uma pupila negra, borrada numa córnea injetada de sangue. Pelas narinas carnudas e achatadas a sua boçal ignorância aspirava com o ar alento necessário aos seus instintos de fera” (de Castilho, 2004, p. 106)

Outro artigo usado para pesquisa desta temática foi o “*Literatura Negra: Representação e (RE) construção da identidade*” de Francisco Fábio Pinheiro de Vasconcelos e Eusana Maria Pereira de Almeida. O seguinte artigo mostra a inserção do estudo dessa vertente literária nas salas de aula, colaborando para aprimorar valores que respeitem e que reconheçam de forma adequada às diversidades étnico-raciais. Desse modo, é possível uma (re)elaboração da identidade dos indivíduos envolvidos no debate, desenvolvendo um senso crítico aguçado.

No âmbito da literatura, o artigo aborda questões de como a literatura se tornou um local de discussão e representação da realidade imposta aos negros no século passado e como a utilização desses textos em salas de aula é extremamente importante:

Além de ampliar o cânone literário, esses textos problematizam aspectos que há muito tempo foram apagados das leituras literárias, como o enfrentamento ao

preconceito e atitudes racistas; a violência; a apartação econômica e educacional; questões relacionadas ao mundo do trabalho, onde ainda há uma diferenciação muito grande entre brancos e negros na absorção dos trabalhadores pelo mercado de trabalho; dificuldades de reconhecimento da identidade, problemas estes que envolvem e afligem a comunidade negra de modo geral, atravessando a vida dos alunos e das comunidades escolares como um todo. (Pinheiro de Vasconcelos and Pereira de Almeida, 2009, p.14)

De acordo com Duarte (2010), as obras de escritores negros evidenciam o combate ao preconceito, violência e atitudes racistas, isso leva ao porquê da literatura negra ser de suma importância dentro das salas de aula, sendo necessário abranger o conceito de letramento social na formação escolar desde a infância. Levantando debates de cunho reflexivo indispensável para tratar de questões que cutucam uma ferida escondida na sociedade.

O terceiro artigo utilizado na pesquisa foi *“Escravidão em pauta: Uma análise das crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto que apresentam a figura do negro na sociedade brasileira”* de Giovana Chiquim. O presente artigo relata e analisa como era a situação do negro dentro da sociedade de certo período da nossa história, mostrando como a literatura - no caso, as crônicas - se conectam inteiramente ao âmbito social da época. O artigo detalha as histórias dos dois autores, para desse modo trazer uma compreensão maior de como as crônicas eram escritas, baseadas em vivências de ambos no século passado:

Os episódios vividos por Lima na infância e as dificuldades que enfrentou na vida adulta devido à pobreza e a sua condição étnica exerceram influência sobre a visão crítica do escritor. O racismo sempre foi ‘uma pedra no caminho’ do autor desde os tempos de escola, em que o menino Afonso Henriques Lima Barreto era um sujeito retraído e isolado, por conta de sua cor. Na faculdade, “sofria constantes reprovações injustas e experimentava frontalmente a discriminação racial.” [...] “Por outro lado, Machado escolheu outro caminho. Perspicaz, a figura do negro sempre fez parte de seus escritos, mas de forma que o escritor não entrasse em um confronto direto com a burguesia do século XIX. Mesmo adotando essa medida defensiva, quando falava de negros, Machado humanizava sua raça, como em uma crônica publicada em A Semana em que apresentou o escravo como um ser dotado de intelecto e não apenas de atributos físicos, animalizado, que os proprietários de terras aproveitavam somente para serviços braçais: “Há quem pense, transpirando; eu, quando transpiro, não penso. Deixo essa função ao meu criado, que, do princípio ao fim do ano, pensa sempre. (Chiquim, 2020, p.4)

Machado de Assis utilizava da matéria jornalística, que era vista como algo leve, para tratar de assuntos pesados, mas sempre em tom de leveza, como um véu para disfarçar o tom crítico que colocava em suas crônicas. O texto mostra como a nossa sociedade, na época

pós-abolição, ainda era muito segregadora, herança dos tempos da escravidão. Lima Barreto registrava isso em suas crônicas, 30 anos depois da Lei Áurea, tratando, inclusive, de temas ainda presentes na sociedade atual. Na crônica “Macaquitos”, publicada na revista Careta em 1920, retrata uma situação que é recorrente no futebol sul-americano; casos de racismo de argentinos contra brasileiros. No texto, Barreto utiliza uma reversão na linguagem, mostrando como a palavra “macaco”, que possui um cunho pejorativo relacionado a uma raça, pode ter outro sentido:

Precisamos nos convencer de que não há nenhum insulto em chamar-nos de macacos. O macaco, segundo os zoologistas, é um dos mais adiantados exemplares da série animal; e há mesmo competências que o fazem, senão pai, pelo menos primo do homem. Tão digno “totem” não nos deve causar vergonha. (Chiquim, 2020, p.10)

Desse modo satírico, Barreto mostra que cidadãos de outros países também são designados como animais e que isso deveria ser motivo de orgulho.

Outra crônica escrita por ele, utiliza-se do esporte para criticar a discriminação do negro naquele tempo:

O título “Bendito Football” já é uma forma de ironizar o comportamento da sociedade brasileira daquela época, que venerava os jogadores, como se eles fossem cidadãos mais valorosos que os trabalhadores, realmente responsáveis pelo desenvolvimento da nação. Na primeira frase do texto, o literato já emprega um modo de expressão da língua em que há um contraste proposital entre o que se diz e o que se pensa: “Não há dúvida alguma que o football é uma instituição benemerita, cujo rol de serviço ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim. (Chiquim, 2020, p 11-12)

O modo irônico e com alto tom de desdém são os fios condutores das críticas feitas por Lima Barreto a todas as esferas sociais.

Já os artigos “*A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações*” de Zaira Bomfante dos Santos e “*Semântica, Pragmática e Tradução*”, de Albeiro Mejia Trujillo, percorrem sobre a análise semântica e a teoria linguística sistêmico-funcional, principais fontes metodológicas desta pesquisa. Segundo explicado no artigo de Trujillo:

A semântica contemporânea, como exposto por Ullmann (1964), caracteriza-se, também, por um interesse marcado pelas relações entre a linguagem e o pensamento. Já não se considera a linguagem como mero instrumento de expressão dos nossos pensamentos, mas, sim, como uma influência especial que os molda e pré-determina, dirigindo-os para vias específicas. (Trujillo, 2013, p.5)

Trujillo mostra como a semântica, na sua contemporaneidade, detalha a relação entre linguagem, que deixa de ser o modo de expressar aquilo que temos na mente e passa ser algo que molda o pensamento. A linguagem não apenas reflete aquilo que pensamos, mas também direciona e determina nossa linha de pensamento de maneiras específicas. Isso, então, mostra o papel importante que a linguagem tem na construção de ideias.

Esse entendimento corrobora com o que é descrito por Záira, que percorre a abordagem da linguística sistêmico-funcional, que pode ser utilizada dentro da análise semântica. O trecho que ilustra essa correlação está abaixo:

As características da abordagem sistêmico-funcional são assim definidas por Eggins (1994, p.3): o uso da língua é funcional; a função da linguagem é produzir significados; esses significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são negociados; o uso da língua produz significados através de escolhas. (Santos, 2014, 166).

A linguística sistêmico-funcional, levando para dentro da análise semântica, permite realizar uma análise da linguagem - construção de frases, tempo verbal e voz - e significado empregado dentro de um texto figurado em um contexto específico. A linguagem, aliada ao pensamento empregado pelo autor, molda uma linha de pensamento no leitor/leitora para a construção ou enriquecimento de ideias.

Além dos conceitos apresentados, se deve entender também como a figura social do negro se forma dentro do Brasil. Segundo Fernandes e Souza (2016), a figura do negro, dentro da sociedade brasileira, é construída de forma histórica, recontando desde o período colonial, baseado nas diferenças estampadas nos corpos escravizados.

“Todavia “[...] ser negro no Brasil é uma condição objetiva em que, a partir de um estado primeiro, definido pela cor de pele e pelo passado, o negro é constantemente remetido a si mesmo pelos outros”. Na esfera individual de construção da identidade o negro, em uma sociedade racista, encontra-se à mercê das condições objetivas e do imaginário coletivamente construído com base em significações fixas negativas sobre o seu grupo étnico-racial”. (FERNANDES E SOUZA, 2016, p.109).

Desse modo, pode-se compreender que a figura social do negro se constroeu através de estereótipos de inferioridade como: exótico, ruim, selvagem, analfabeto, bandido, entre outros que foram estabelecidos na época da escravidão.

Outro conceito que deve ser explicado para o entendimento desta pesquisa é a de representação - aqui no espectro social -, que também é base da pesquisa realizada logo à frente. Para Hall (2016), a representação não é “apenas” um reflexo da realidade social, mas também um processo carregado de um poder que auxilia em moldar pessoas e culturas. A linguagem, dentro desse conceito de representação, é o principal meio de se compreender a realidade ao nosso redor.

Mas, a representação nunca assume uma neutralidade, ela acaba carregando ideologias, refletidas em relações de poder de grupos dominantes dentro de uma sociedade. Se correlacionarmos com a temática deste trabalho, percebemos, de forma didática, como isso funciona. A sociedade brasileira pós-escravidão, ilustrada pela elite da época, era fortemente conduzida por estereótipos que diminuíam e estigmatizam as pessoas negras, sendo vistos em textos da época, alguns, inclusive, presentes nesta pesquisa.

Dessa forma, é necessário entender como a representação social se caracteriza, para que seja de fácil compreensão, as análises das obras de João do Rio e Lima Barreto

Estes conceitos se mostram alinhados às pretensões que esta pesquisa se propôs a realizar no entendimento dos significados e construções das crônicas e textos analisados.

3. FUNDAMENTOS E CAMINHO PARA AS ANÁLISES

Como o objetivo deste trabalho é analisar crônicas jornalísticas de Lima Barreto e João do Rio, existe a necessidade de uma pesquisa em livros que reúnem esses textos para exemplificar os estilos de escrita e construção de textos dos escritores. Dessa forma, a metodologia desse trabalho se fundamenta na linguística sistêmico-funcional dentro da análise semântica de textos e artigos, para, assim, compreender os trabalhos produzidos pelos autores. Como mencionado anteriormente, foram lidas 6 crônicas de João do Rio e 5 de Lima Barreto, chegando em um total de 11 textos analisados para o corpus da pesquisa deste trabalho.

A fundamentação teórica deste trabalho se baseia na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), utilizando dois conceitos importantes dentro deste método, o sistema e a função, para que a pesquisa realizada alcançasse um resultado satisfatório. O primeiro deles é o sistema, que refere-se ao conjunto de opções linguísticas para a criação de significado. Essas opções se organizam em diferentes campos: gramática, vocabulário e estruturas sintáticas. Já a função, segundo conceito da LSF, detalha o propósito e o papel que a linguagem exerce em um contexto social, abrangendo funções como informar, questionar e expressar emoções. Esses conceitos se tornam importantes para o entendimento dos significados dentro de contextos da comunicação, no caso deste trabalho, as crônicas jornalísticas. Como descrito por Santos (2014, p.169) “as análises de textos com base na LSF, todos os significados têm uma conexão direta com o contexto social – acima – e uma conexão direta com os elementos léxico-gramaticais – abaixo, visto que os textos carregam influências do contexto em que foram produzidos. Portanto, na LSF, não se analisa um texto unicamente em termos dos elementos léxico-gramaticais”. A partir disto, pode-se entender que o significado de um texto está ligado ao contexto social em que está inserido.

Santos (2014, p. 169) aborda essa questão de contexto social mais a frente no artigo. “A relação entre texto e contexto é teorizada como probabilística e não determinista: um interactante para alcançar uma meta cultural particular é provável iniciar um texto a partir de um gênero particular, e este texto é provável se desdobrar em uma forma particular – mas o potencial para as alternativas está inerente a relação dialógica entre linguagem e contexto. Logo, a relação entre um texto e suas condições de produção passa necessariamente pelo contexto em que é produzido e no qual será negociado”. Entende-se, então, que o contexto de produção e as condições para que a mesma ocorra influenciam na forma como o texto é

construído, mesmo que ele não seja determinado pelo contexto.

Dentro do aspecto jornalístico, representados na figura de João do Rio e Lima Barreto, a LSF pode ser aplicada para analisar e, assim, compreender as crônicas escritas por ambos autores, investigando como eles transmitem suas mensagens, dentro do período de tempo em que se encontravam, e influenciavam a interpretação dos leitores dos jornais e livros do século passado. Isso corrobora com o que é descrito por Santos (2014, p. 168). “Na abordagem hallidayana, a linguagem se organiza não só em torno do seu sistema linguístico, mas também em torno do seu sistema de dados do contexto social”. Ou seja, se olharmos dentro do espectro do jornalismo, a forma como a linguagem é aplicada em um texto comunicacional, ela não se limita ao que é escrito, mas também ao contexto social em que as interações ocorrem, como por exemplo, as técnicas de crônica-reportagem utilizadas por João do Rio em suas produções ou as experiências de vida de Lima Barreto.

A escolha para este método se dá, não só pela capacidade de compreensão do tema pesquisado em termos linguísticos e semânticos, mas também na forma que pode-se usar essa metodologia para conceituar a representação da pessoa negra dentro dos textos analisados logo adiante. A LSF possibilita o entendimento de representação dentro do aspecto linguístico das obras, analisando a forma como a linguagem representa o contexto social - Brasil pós-abolição da escravidão - e as experiências contadas nas obras dos autores. Isso constrói uma realidade social e de aprendizado que reflete nas percepções e interpretações daqueles que comunicam, sendo de suma importância para o entendimento da representação da pessoa negra no contexto histórico-social do século passado.

A abordagem sistêmico-funcional trazida para este trabalho, analisando as crônicas literárias e jornalísticas de João do Rio e Lima Barreto, traz uma contribuição para os debates raciais do nosso país, olhando para o lado linguístico dos textos dos autores citados. De acordo com Silva (2004, p. 179) “A compreensão dessa forte relação entre a linguagem e a esfera social, como vimos, passa necessariamente pela noção do que a linguagem é capaz de oferecer ao falante”.

Isso quer dizer que, essa pesquisa não servirá apenas como uma base para discorrer sobre o tema pesquisado, mas também, complementar trabalhos e pesquisas acerca da linguagem e semântica e enriquecer mais os debates acerca deste assunto. Os principais autores que contribuíram com este trabalho - que demonstraram uma afinidade com a temática do trabalho - foram: Aciomar Fernandes de Oliveira (2010), Juliana Barreto Farias (2006),

Florentina Souza (2006), Zaira Bomfante dos Santos (2014), Albeiro Mejia Trujillo (2013), além, é claro, de Lima Barreto e João do Rio.

4. ANÁLISES DAS CRÔNICAS

Acerca dos livros de crônicas do século passado, achamos renomados autores que falavam sobre o cotidiano da sociedade da época em textos para os mais diversos jornais do país. De acordo com Aciomar Fernandes de Oliveira (2010), determinados textos apresentavam o cotidiano mundano e, dado o contexto histórico em que estavam inseridos, traziam como pano de fundo a cidade do Rio de Janeiro, capital da República entre os anos de 1889 até 1960, contando as transformações urbanas, arquitetônicas e tecnológicas que a cidade passava, no famoso período de Belle Époque. Mas, mesmo com enfoque em mudanças na cidade, as crônicas também se debruçavam nas pessoas que viviam naquele período, os cidadãos comuns das entranhas do Rio de Janeiro.

Um nome que surge ao pesquisar as crônicas do período é o de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, ou, como era conhecido nas páginas de jornais, João do Rio., João do Rio foi um dos mais conhecidos jornalistas e cronistas do século passado. Sua trajetória dentro do jornalismo brasileiro, vista em seu pioneirismo na reportagem jornalística e de crônica social, foi um aspecto importante para que alcançasse o reconhecimento como um dos grandes autores literários do Brasil, como citado na apresentação do autor na edição de 2012 do livro “*A alma encantadora das ruas*”, pela editora Nova Fronteira “Ao lado de Machado de Assis e Lima Barreto, Paulo Barreto completa a trinca da prosa urbana de melhor qualidade do início do século XX” (RIO, 2012, s/p). Um cronista de mão cheia, seus textos eram conhecidos por possuírem um olhar mais sagaz e minucioso, sendo extremamente detalhistas em informação, que contribuíam para o cotidiano da época, fomentando o desenvolvimento dos gêneros jornalísticos no Brasil no século XX.

Esse olhar aguçado vinha da influência de Charles Baudelaire, poeta e ensaísta francês, conhecido, assim como João do Rio, pelo flâneur, a forma como enxergava os estigmas sociais da sua época e traduzindo isso para os jornais da época, como O País, O Dia e o Correio Mercantil.

Filho de uma dona de casa e um professor de matemática, pesquisadores de sua vida, como o sociólogo Gilberto Freyre e a antropóloga Lilia Schwarcz, têm a ideia de que ele não se via como uma pessoa negra. E isso acaba gerando reflexões e questionamentos acerca dos textos dele, além da sua construção de identidade. O artigo “*João do Rio e os Africanos - raça*

e ciência nas crônicas da belle époque carioca” escrito por Juliana Barreto Farias (2006) mostra esse questionamento sobre os textos e identidade própria do autor:

Já o biógrafo João Carlos Rodrigues procura, ao questionar a “existência ou não do racismo” na obra do jornalista, avaliar se o próprio João do Rio – filho de uma mulata – se considerava negro. Observando fotografias de infância e mocidade, encontra uma criança de “aparência branca”, que se transforma num adolescente “fortemente amulatado, de cabelos cacheados”. Monteiro Lobato chegou mesmo a dizer que ele usava o “corte escovinha” para disfarçar o “pixaim”. (...) Diante dessas evidências, o pesquisador reconhece que o cronista não se considerava negro, nem mesmo pelo “condescendente conceito brasileiro”. O que fica nítido em *As religiões no Rio*, em que só se refere aos africanos e seus descendentes na terceira pessoa: são “eles” (os “pretos ululantes”; “negros degenerados”) em oposição a “nós” (que têm avós “portugueses de boa fibra”). (FARIAS, 2006, pág. 246).

Fazendo a análise das crônicas de João do Rio, utilizando a LSF, é possível notarmos a forma com que o autor descreve as pessoas negras, muitas vezes de maneira pejorativa e com foco nas condições sociais que enfrentavam durante aquele período. Isso nos leva a interpretar, enquanto leitores, se João do Rio realmente possuía esse pensamento racista ou apenas replicava o pensamento da sociedade da época. Podemos tomar como exemplo a crônica “*A Galeria Superior*”, presente no livro “*A alma encantadora das ruas*” publicado pela primeira vez em 1908. Nesta crônica, João do Rio conta sobre sua visita a um presídio e descreve sua impressão dos presos que lá estavam:

“Negros degenerados, mulatos com contrações de símios, caras de velhos solenes, caras torpes de gatunos, cretinos babando um riso alvar, agitados, delirantes, e mãos, mãos estranhas de delinquentes, finas e tortas umas, grossas algumas, moles e tenras outras, que se grudam aos varões de ferro com o embate furioso de um vagalhão”. (RIO, 1995, p. 146).

Analisando cada palavra dentro desse trecho percebemos que ele é construído de forma agressiva, muito pela forma como é descrita a imagem dos detentos daquela prisão. Isso demonstra como as palavras escolhidas reforçam estereótipos que associam a população negra com criminosos, pessoas de má índole, que carregam doenças, formando, desse modo, uma visão cultural que perdura até hoje. A forma como elas são usadas também carregam um tom fortemente racista, no momento que o autor faz um comparativo sobre os traços na frase “mulatos com contrações de símios”.

Mesmo que o contexto da crônica seja uma visita dentro de uma prisão, com o intuito de conhecer as histórias dos detentos, é perceptível que a forma descrita destes mesmos representa o pensamento da sociedade daquela época. A forma que João do Rio constrói esse

trecho traz uma dúvida se ele realmente pensava dessa maneira ou escreveu isso de forma irônica, para fazer piada com o pensamento daquela época. Dentro deste questionamento, enquanto pesquisador, pode-se concluir que o autor não era racista, mas usava as formas pejorativas que eram utilizadas na época para criticar a sociedade daquele período histórico do Brasil.

O que vai ao encontro do artigo de Juliana Barreto Farias mencionado antes, onde o autor, através de frases carregadas de preconceitos, espelhava o pensamento esmagador da Velha República, recém saída do período escravocrata. Mas levantando um questionamento interpretativo para os leitores dessa crônica se, realmente, João do Rio pensava dessa forma ou utilizava desse pensamento para trazer um contraponto de tom irônico para as questões raciais da época.

Em contraponto, outro autor, contemporâneo de João do Rio, exaltava as lutas diárias do povo negro e das suas vivências dentro de uma sociedade que ainda possuía resquícios da escravidão, seu nome era Afonso Henriques de Lima Barreto. Carioca de nascença, filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta, ambos saídos da escravidão, Lima Barreto era jornalista, cronista, contista, escritor e crítico ferrenho da Primeira República Brasileira. Barreto era um expoente da imprensa livre, com seu senso crítico e uma percepção social aguçada para temas como o preconceito racial e, também, o feminicídio, sendo desse modo, um dos jornalistas mais críticos da história brasileira.

Também é conhecido por seu romance “*O Triste Fim de Policarpo Quaresma*”, sendo considerado o criador do romance social brasileiro. Suas obras possuíam um tom irônico e um humor sarcástico e ácido, nas quais trazia críticas a sociedade da época e que beneficiava pobres e boêmios.

Barreto, que viveu nos tempos pós-abolição, enfrentava na pele as contradições daquela “liberdade” que chegou ao país em maio de 1888, e isso era transmitido para dentro de suas obras, trazendo um olhar de quem viveu e ainda vivia naquele período, como apontado no artigo “*Personalidades Negras: o escritor Lima Barreto*” de Florentina Souza (2006):

Tendo vivido logo depois da Abolição, os vários estudiosos apontam Barreto como obrigado a enfrentar na pele as contradições de uma liberdade teórica e constrangida que produz as angústias descritas pelo adulto Lima Barreto, pelo personagem Isaías Caminha e que se reconfiguram em vários contextos antigos e contemporâneos de exclusão. (SOUZA, 2006, pág.4).

Para entendermos como essas críticas em tom irônico eram presentes nas obras de Lima Barreto, é utilizado um trecho da crônica “*A volta*”, presente no livro “*Vida Urbana*”, publicado pela primeira vez em 1953, que reúne os textos criados pelo autor. Para a análise desse trecho, foi aplicado a LSF, para a compreensão da forma que o texto é construído e o modo como pode ser interpretada:

“A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhe os horizontes e dando-lhe inexequíveis esperanças”. (BARRETO, 1953, p. 21)

Nesse trecho da crônica, é possível analisarmos como Barreto, de forma um tanto quanto sutil, mas sem perder o tom de crítica ao padrão social da época, foca em como as governanças da Primeira República queriam transformar a capital, Rio de Janeiro, em um lugar parecido com a Europa, como ele descreve no trecho anterior ao analisado “cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que devia torná-lo conhecido na Europa, que lhe devia dar um grande exército, uma grande esquadra, de elefantes paralíticos, de dotar a sua capital de avenidas, de boulevards, elegâncias bem idiotamente binoculares e toca a gastar dinheiro, toca a fazer empréstimos;”. (BARRETO, 1953, p.21). Barreto evoca como os governos, dotados de pensamentos elitistas, que sempre buscavam melhorar o seu entorno beneficiando somente a burguesia da sua época, mascarando esse desejo com promessas e esperanças de uma vida melhor para as pessoas desafortunadas que iam até a capital. Isso fica nítido quando vemos a forma que esse movimento da época é implicado por Barreto dentro da crônica:

“O Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhe os horizontes e dando-lhe inexequíveis esperanças”. (BARRETO, 1953, p.21).

Retornando às crônicas de João do Rio, encontramos mais estereótipos em suas crônicas, impregnado na construção linguística e semântica do autor e que ficam na linha

tênue de expor a realidade em que vivia e o pensamento racista da época, algo já visto em outros trabalhos que percorrem a vida deste autor. Tomamos como exemplo, o trecho da crônica “ *As mulheres mendigas*” de “*A Alma Encantadora das Ruas*” a seguir

“Às portas das igrejas param, indagam quem entra, a ver se a missa é de gente rica; olhando como rancor os mendigos - negros roídos de alcoolismo, velhos a tremer de sífilis”.(RIO, 1995, p.125)

O trecho traz uma pequena, porém impactante, descrição dos mendigos negros presentes no Rio de Janeiro nos tempos antigos. É possível notar que eles eram representados como pessoas cercadas de vícios e doenças que transformavam sua presença em algo detestável para a sociedade rica daquele período. O autor não poupou, mesmo em poucas palavras, a descrição destas figuras. Analisamos friamente esse pedaço do trecho acima “negros roídos de alcoolismo, velhos a tremer de sífilis”, e vemos a forma imagética que João do Rio descreve os mendigos, desperta no leitor, através das especificações, a repulsa nos olhares de julgamento das pessoas ou certa empatia humanitária com os acometidos por essas características. Essa forma estereotipada de descrever os negros era bastante comum naquele período, como descrito no artigo de Suely Dulce de Castilho (2004), *A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas*. A descrição ia direto nas características físicas e, muitas vezes, comparava a traços de animais, fazendo alusão a possíveis comportamentos bestiais destas pessoas. Algo que demonstra como o racismo ia além das palavras e insultos e chegava em suposições ao comportamental dos negros.

A sociedade contemporânea brasileira não aceita mais essas expressões racistas, como as vistas em situações que ocorrem nas redes sociais, em discussões políticas e situações do cotidiano. O cancelamento nas redes sociais em torno de falas racistas, mostra a força que a sociedade tem no combate a esse assunto, diferentemente do século passado. Esse movimento, ou cultura, como é conhecido também, ajuda na marcação e exposição de pessoas preconceituosas, forçando-as a refletirem sobre seu erro e fazer uma reeducação social para entender esses estigmas sociais.

Isso pode ser exemplificado nas discussões acerca dos cânticos e xingamentos racistas que ocorrem esporadicamente em estádios de futebol pela América do Sul, em partidas da Copa Libertadores da América.

Em uma partida realizada no estádio Nilton Santos, no Rio de Janeiro, um torcedor do Botafogo, time da casa, foi flagrado fazendo gestos racistas em direção aos torcedores do

Palmeiras, time que enfrentava os anfitriões pelas oitavas de final do torneio. Esse ato foi extremamente repreendido nas redes sociais, mostrando que a sociedade brasileira passou por uma transformação no combate a ataques raciais. Isso é ilustrado na nota oficial divulgada pelo clube logo após o ocorrido, que repudia as ações e traz consequências sérias para o torcedor².

Outro caso que mostra a resistência contra esse preconceito aconteceu em duas escolas do Rio de Janeiro, onde dois irmãos sofreram comentários racistas de seus colegas. A mãe de ambos prontamente fez a denúncia e a escola tomou as devidas providências para que os responsáveis fossem punidos por seus atos. Os alunos que praticaram o atos racistas foram expulsos e suspensos³.

Um último exemplo do combate ferrenho ao racismo é o caso ocorrido com a deputada federal Carol Dartora (PT-PR). Ela denunciou ter sofrido ataques racistas e ameaças de morte através de e-mails. A deputada conta com os e-mails tinham como objetivo “calar” e “intimidar”, pois ela é uma mulher negra e que ocupa um espaço de poder dentro da política brasileira⁴.

Casos deste cunho, mostram que a sociedade não deixa mais margens para o preconceito voltar à tona novamente, demonstrando que o racismo não é mais normalizado como era no século passado.

Mas, saindo do aspecto mais crítico e representativo dos preconceitos daquela época, descritos por João do Rio, chegamos a um trecho que exalta uma figura pacata e serena de uma pessoa negra, apenas bradando sua aversão a gatos.

“Manuel de Oliveira, um negro velho, cabinda de nação, muito fiel e dedicado, que viveu com a minha família e me viu menino de sete ou oito anos, tendo morrido há pouco tempo, não gostava de gatos e não me cessava de explicar essa sua ojeriza.” (BARRETO, 1919, p.104).

Neste parágrafo da crônica Contos e Histórias de Animais, de 1919, Lima Barreto reconta sobre Manuel Oliveira, um senhor que vivia junto de sua família até meados de sua

2

<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/botafogo/botafogo-identifica-e-bane-torcedor-racista-do-nilton-santos/>

3

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/05/13/irmaos-sao-vitimas-de-racismo-em-escolas-diferentes-d-e-niteroi-no-rj.ghtml>

4

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-11/deputada-negra-diz-que-sofreu-ataques-racistas-e-ameaca-de-morte>

infância e tinha uma aversão aos gatos. Ele explicava isso ao jovem Barreto, como descrito nesta parte da crônica:

"Seu Lifonso", gato é bicho do diabo... É bicho que Nosso "Sinhô" não gosta; é bicho "mardiçudo" por Deus. Cachorro, sim... (..) Gato, "Seu Lifonso" - fala o Manuel de Oliveira, - que é bicho mau e do "demônho", sabe o que fez? Pois fez isto: "mixô" numa caneca e deu a "bebê" a "Nosso Sinhô". "Nosso Sinhô" mardiçô ele pra sempre e até hoje "ele" é "mardiçudo" por Deus, é bicho que tem parte com o "capeta". (BARRETO, 1919, p.104).

Aqui, podemos ver como Barreto descreve com ternura as lembranças que tem de Manuel Oliveira, alguém que fazia parte do seu convívio na sua infância, e como as histórias que ele contava ainda perduram na mente do autor. Pode-se reparar que essa descrição "negro velho, cabinda de nação, muito fiel e dedicado", nos leva a imaginar um senhor já em seus anos finais de vida, que outrora era muito dedicado ao seu trabalho e que agora leva uma vida pacífica, apenas contando suas histórias aos jovens que viam lhe procurar para uma prosa. Essa parte entra na contramão do artigo "*A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas*", já citado anteriormente. O artigo traz como a visão dessas pessoas era imposta pelos pensamentos da sociedade, silenciando a humanidade dos negros. No trecho descrito acima, Lima Barreto resgata a humanidade dos negros através de Manuel Oliveira e a sua aversão genuína, como qualquer outro ser humano possui, aos gatos. Isso demonstra que mesmo com o sistema escravocrata tentando, ainda, perpetuar o pensamento de que negros não deveriam ter direitos como humanos, autores, aqui representado por Barreto, que possuíam a vivência dos preconceitos, tentavam demonstrar o aspecto humanístico daqueles que eram sempre oprimidos. O discurso impregnado nesta crônica mostra que, mesmo naquele período, já os textos vindos direto de uma vivência única têm um peso nas questões sociais que estão de volta nos dias atuais.

Entrando novamente no mundo cronista de João do Rio, chegamos a alguns textos que recontam as religiões da cidade do Rio de Janeiro em sua época. No livro "*As Religiões no Rio*", lançado em 1904, o autor descreve as diversas situações que presenciou ao realizar matérias sobre as crenças na capital fluminense. Foi analisado o seguinte trecho, da crônica "*O feitiço*":

"É provável que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras." (RIO, 1904, p. 10).

Aqui, João do Rio foge um pouco de estereótipos raciais mais pesados e busca algumas características dos negros, trazendo-as para dentro do âmbito religioso daqueles que

descendem da África. Nesta parte da crônica, João Rio conta como, mesmo com aversões e prejulgamentos, não havia uma alma sequer que não tivesse adentrado em um espaço religioso de matriz africana. Essa busca é exemplificada no tal “feitiço”, que era popularmente buscado por qualquer pessoa que busca algum tipo de ajuda sobrenatural na época. O interessante desta parte é perceber como o autor, mesmo que use ao longo do livro descrições viscerais dos negros, demonstra certo respeito com as religiões de matriz africana. Algo que se conecta, em partes, ao artigo de Suely de Castilho (2004) sobre a caracterização, onde o autor traz essas características, mas demonstra onde elas se encaixam em um contexto.

O seguinte texto que fora analisado é um que acabou ficando sem um título dado por seu autor, Lima Barreto e fora publicado entre os anos 1900 e 1920, recorte histórico de período que o racismo no Brasil se apresentava de diversas formas distintas. Porém, ela é encontrada no livro *Diário Íntimo*, de 1953, onde percorre diversos textos de Barreto, que abrangem diversos assuntos. A escolhida traz algo que elucida, bastante, a forma como Barreto lutava contra o sistema racista de seu tempo e que inspira as lutas de pessoas negras do período em que estamos vivendo.

“Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande”. (BARRETO, 1953, p. 15)

Aqui, vemos a forma que Barreto se postava diante a sociedade racista e de passado escravocrata através da semântica de seus textos. O trecho acima mostra como, mesmo estando em uma posição de destaque, ainda era comum que pessoas negras escutassem comentários e perguntas se eram, por exemplo, contínuos - alguém que desempenhava o papel de transportar documentos, entre outras coisas em um escritório -, ou seja, não reconhecendo que haviam pessoas pretas em cargos de relevância social, como era o caso de Lima Barreto, famoso jornalista e escritor. Porém, o que mais chama a atenção neste texto é a forma com o autor transcreve seu sentimento ao ser recebido com esta pergunta, em uma situação cotidiana. Ele fala que não se deixa afetar com tal comentário, já que, nas palavras do mesmo, estava condenado a ser taxado de contínuo e que possuía a noção que sempre seria importunado por comentários assim. A forma como ele transcreve essa sensação, evoca que ele, lutando contra esse sistema, não se deixava mais abalar com tais comentários e seguia com sua vida de forma normal. E como descrito no artigo de Giovana Chiquim (2018), esses acontecimentos e episódios serviam para reforçar a visão crítica que o leitor adotava em seus

textos, fazendo com que suas críticas contra a sociedade passada, tivessem um peso totalmente diferente, evocando aspectos de vivência enquanto um homem negro.

A próxima crônica de João do Rio também vem do livro *A Alma Encantadora das Ruas*, intitulado *Crimes de Amor*. Nela, o autor mostra um lado mais humano, em comparação às outras análises já feitas, onde faz a descrição do presidiário.

“Através dos muros brancos ouve-se o sussurro das conversas murmuradas. Barros aponta-me silenciosamente uma das jaulas. Aproximo-me e do fundo vejo surgir um velho preto, magro, seco, com o olhar ardente e a cabeça branca.” (RIO, 1953, p. 139).

Neste trecho, João do Rio não traz nenhum estereótipo ou característica que possamos considerar um racismo mais explícito ou velado, na verdade ele reconta a tragédia na vida de um homem negro que acabou encarcerado por conta de uma história de amor. O escritor, como já havia mencionado anteriormente, implica no leitor um sentimento de ambiguidade nas suas visões acerca de pessoas negras. Em certos textos, João do Rio leva a crer que não tinha a mesma visão da sociedade a qual pertencia, mas usa disso como um artifício para criar seus textos e crônicas e, dessa forma, criticar com o próprio pensamento preconceituoso que pairava no ar dentro do período. Isso é uma discussão interessante do ponto de vista analítico dentro do discurso do autor.

O trecho a seguir, de um texto presente no livro *Diário Íntimo*, mostra como Lima Barreto era um ferrenho lutador por assuntos que envolviam as pessoas negras:

“Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denota quanto a inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, porque excomungará o negro?” (BARRETO, 1953, p. 21).

Aqui, vemos na construção de frase do autor como ele via o tratamento diferenciado que brancos e negros, quando comparados por suas características intelectuais, se mostravam em disparidade, com o primeiro grupo sempre sendo favorecido quanto ao segundo. Quando Barreto fala em “*porque excomungará o negro?*” ele invoca um questionamento do porquê, quando levado em conta o nível intelectual de cada raça, os negros sempre são preteridos. Isso traz discussões que perpetuam até hoje na nossa sociedade, onde negros sempre são escanteados quando se mostram capazes intelectualmente para que pessoas brancas, munidas de seus privilégios, tomem lugares que poderiam e deveriam ser de quem demonstra

capacidade de intelecto e não por conta da cor da pele. Mesmo que curto, esse trecho é imbuído de um discurso extremamente forte, pois sua construção pode ser usada para auxiliar a sociedade a debater o porquê das pessoas negras, muitas vezes, serem preteridas para dar lugar e espaço a pessoas brancas. Mesmo que os negros tenham capacidades intelectuais avançadas em qualquer área, ainda há uma marca de que essa pessoa não irá performar uma qualidade que um pessoa de pele branca posso vir a ter. Isso se torna um assunto problemático e que é bastante válido nos dias de hoje, se for interpretado e entendido da forma mais correta e humanizada possível, para que seja entendido os problemas étnicos que perduram no país.

Se observarmos pela perspectiva jornalística, que tem o papel crucial na formação de opiniões, educação, esses questionamentos são pertinentes para que se tornem pontos focais de debates raciais dentro da sociedade. Trazer textos de antigamente e inseri-los dentro de discussões sociais e, principalmente, educacionais, é extremamente importante para a quebra definitiva do racismo.

Essa lacuna do letramento racial dentro do educandário brasileiro é algo que necessita ser preenchido de uma vez por todas. Dentro do jornalismo, propriamente dito, é perceptível que esse preconceito não é mais aceito e que é, através de reportagens e matérias exposto e criticado. Mas ainda é de se pensar que o jornalismo ainda precisa muito de um letramento racial dentro da faculdade, para que cada vez mais novos jornalistas tenham essa percepção contra o preconceito e que usem essa ferramenta comunicacional para alertar e combater isso.

Na crônica *Presepes*, de *A Alma Encantadora das Ruas*, João do Rio conta sobre os lindos presépios que eram montados nas ruas do Rio de Janeiro com a chegada das festas do final de ano. Destacamos o trecho abaixo:

“O mais interessante, porém, fui encontrar na praia Formosa, centro de um cordão carnavalesco de negros baianos. Essas criaturas dão-me a honra da sua amizade.”(RIO, 1953. p. 78).

Neste parágrafo, o autor fala do seu encontro com algumas pessoas naturais da Bahia, que estavam ali para montar os presépios na praia Formosa. João do Rio se refere a eles, primeiramente, como “negros baianos”, pertencentes a um cordão carnavalesco que sempre estava pelo local. Logo em seguida, chama o grupo de “criaturas”, no momento em que os mesmos lhes dão a sua amizade. Compreendido a forma como foi construída cada frase dentro deste parágrafo, é possível perceber, através da LSF, que o autor, mesmo que de forma sutil,

ainda emprega no seu texto, o preconceito estrutural. A sua opção por chamar o grupo de “criaturas” mostra que esse era um dos pensamentos que se tinha acerca das pessoas negras da época, muitas vezes por conta de suas atitudes e traços.

A escolha por essa palavra feita pelo autor traz alguns questionamentos previamente levantados durante esse trabalho. Seria ele alguém preconceituoso com sua própria raça ou somente usa disso para evidenciar o desdém que havia na sociedade em que vivia, algo que instiga os leitores que revisitam as obras do autor. Mesmo usando palavras de cunho preconceituoso, ao longo desta crônica, vemos como João do Rio reportava o cotidiano real de cada uma dessas pessoas, algo que deixa uma leve ambiguidade em suas crônicas.

A crônica “*Como se ouve a Missa do Galo*” traz como era vista a missa pela sociedade carioca de décadas atrás. O que chama a atenção neste texto é a forma como o autor descreve cada pessoa que participava do ato litúrgico, onde fora encontrado um trecho que fala sobre mulheres negras:

“Vinhão gingando negrinhas de vestido gomado; “cabras” de calça bombacha, velhas pretas embrulhadas em xales. Era como uma série de procissões em que as irmandades se separavam segundo as classes.” (RIO, 1953, p.83)

Nesta parte, o autor descreve as mulheres por sua cor de pele e faixa etária, saindo de um discurso preconceituoso, mas sim descritivo, de quem estava presente na missa. O interessante deste trecho vem logo depois, onde ele reconta como as pessoas se separavam devidamente nas classes sociais da época. Dessa forma, vemos no discurso de João do Rio a divisão social daquele tempo, em que as pessoas conviviam em seus respectivos grupos sociais, mas que, no aspecto religioso, se misturavam para a celebração eucarística. Isso demonstra que, mesmo com textos imbuídos de preconceitos, o autor mostrava que a sociedade, de alguma forma, ainda convergia em um tom de harmonia, longe de estigmas e estereótipos raciais. Algo que vai de encontro ao tema do artigo “*Escavidão em pauta: Uma análise das crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto que apresentam a figura do negro na sociedade brasileira*”, onde é descrito o tom que Machado de Assis utilizava em seus textos, um estilo leve que servia de véu para o tom das suas críticas.

Voltando à obra “*Diário Íntimo*” de Lima Barreto, chegamos a um texto que traduz de forma concisa, as suas credenciais de combatente ferrenho ao racismo dentro da sociedade brasileira. O trecho capta aquilo que foi discutido no artigo “*Personalidades Negras: o escritor Lima Barreto*”, demonstrando a ferocidade que o autor traduzia as batalhas que ele e

toda a população negra enfrenta e como isso ajudou a moldar a sociedade brasileira em termos sociais e culturais.

“Os negros diferenciam o Brasil e mantêm a sua independência, porquanto estão certos que em outro lugar não têm pátria.” (BARRETO, 1953, p.20)

Neste pequeno trecho, porém de forte e impactante construção textual, entendemos de forma explícita a faceta protestante de Barreto diante da opressão racial da época em que viveu, utilizando de experiências vividas e que presenciava dentro da sociedade do século passado. O autor, que sempre adotava um tom crítico para com um país que recém havia se livrado da escravidão, demonstrava, através das suas palavras, como os negros diferenciavam o Brasil enquanto nação.

Isso nos leva a pensar e compreender como um lugar que tanto demorou a acabar com um aspecto tão sombrio da história brasileira e, porque não, humana, se tornava tão diferente em relação a outros lugares do planeta. Os costumes, crenças, música, arte, entre outros aspectos que vieram juntamente com os escravos vindos dos países africanos e que aqui fizeram morada, moldaram a identidade brasileira, fugindo daquele perfil aristocrático que havia sido implementado na colonização portuguesa e que hoje vemos em sua totalidade na pluralidade racial e cultural que faz do nosso país ser um lugar rico em diversidade e cultura.

Ao fim das análises, podemos perceber que, mesmo com contrastantes visões da figura da pessoa negra, ambos os autores demonstram certas similaridades em suas escritas. Ambos são altamente descritivos quanto às pessoas que retrataram nas crônicas analisadas, sempre prezando por uma linguagem construída através das descrições fisionômicas e, também, dos estigmas preconceituosos, que levam o leitor a fabricar a figura da pessoa negra em seu cérebro.

Mas, não se deve deixar de lado os pensamentos diferentes que ambos possuem enquanto homens negros em uma sociedade recém saída de um período terrível da nossa história enquanto país. João do Rio era um autor que, com seus verbetes em tom agressivo e um discurso forte sobre questões raciais da época, percorre o mar da ambiguidade entre ser ou não uma pessoa racista, mesmo possuindo a cor a qual tanta traz características preconceituosas em seus textos.

Já Lima Barreto, traz suas vivências, caracterizadas por uma infância e juventude rodeada de episódios preconceituosos, juntamente com a vida simples que levava com sua

família. A vida adulta de Barreto também não fora das melhores, onde ele enfrentava com um discurso mais crítico e de enfrentamento uma liberdade teórica estabelecida no Brasil no período pós abolição da escravidão. Ambos possuem discursos que evidenciam, e muito bem, suas visões e vivências enquanto pessoas negras no Brasil de outrora.

Como dito anteriormente, o jornalismo brasileiro ainda possui um extenso caminho para percorrer na inserção de profissionais negros, mesmo que tenham jornalistas pretos em posições de destaque em veículos de imprensa renomados. O texto de Miliane Martins, “*A Inserção do Negro no Jornalismo: uma forma de combater o racismo?*”, traz pontos interessantes que podem agregar e complementar as discussões levantadas ao longo desta pesquisa.

Para Martins (2016), o jornalista que não tiver estofo para fazer a cobertura de pautas do segmento negro, pode acabar reforçando atos de racismo, discriminação e de estereotipação desse povo. Isso passa muito - e aqui deve-se reforçar o assunto - por um letramento racial dentro da academia, ensinando este conceito e fazendo com que estudantes de jornalismo pratiquem isso durante suas atividades enquanto aprendizes.

Outro ponto interessante pautado no artigo é a falta de diversidade no jornalismo, trazendo um argumento interessante a ser debatido:

“Portanto se o jornalismo trata de assuntos e temas diversos e não possui em seu quadro de funcionários pessoas capazes de representar diferentes grupos étnicos e sociais, muita das vezes não consegue fazê-lo de maneira satisfatória e sem deixar de reproduzir discursos hegemônicos e de alteridade. “a diversidade no quadro de funcionários e no conteúdo vão de mãos dadas”. (MARTINS, 2016, p.7).

Isso gera um debate interessante quando falamos da relação entre jornalismo e identidade de pessoas negras, pois sem essa identificação entre jornalista e audiência, fica a sensação de falta de credibilidade em assuntos que tratam da questão racial no Brasil. Para isso, é importante voltar a repetir a necessidade do letramento racial para tratar essas questões desde cedo e ajudar a transformar o jornalismo em um espaço igualitário e livre do racismo.

Lendo texto por texto, crônica por crônica, obra por obra, é notável perceber durante a leitura dos textos a evidência do racismo da época e que nos leva a compreender como a figura da pessoa negra era representada antigamente, levando em conta o sofrimento que esse povo experienciou. Alguns textos lidos durante a pesquisa que fundamentou este trabalho,

traziam passagens que mostram a alegria desse povo celebrando as culturas advindas dos países africanos, berço de grande parte daqueles que viveram no século passado e nos seus descendentes que hoje podem se declarar livres após anos e anos de violência, exploração e humilhação em um nível que supera o humano. E não só isso, mas essas obras, juntamente com as crônicas e textos analisados, demonstram como a forma que eram retratados, desde suas características físicas, até crenças religiosas,

Por um lado, as críticas feitas por Lima Barreto, foram os primeiros indícios de uma contribuição no combate ao racismo, mesmo que de forma limitada, que se tornaria essa força que vemos hoje. Por outro lado, os relatos feitos por João do Rio em *“As Religiões no Rio”*, mostram um contraponto interessante de como a sociedade nacional antiga e atual se tornaram distintas no âmbito das discussões sobre diversidade racial e cultural, nos brindando com debates que vivenciamos dentro do nosso dia-a-dia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi buscado entender como os textos de cada um dos autores literários e cronistas no jornalismo do século passado descreviam e representavam a figura da pessoa negra dentro da literatura e, também, do jornalismo em uma época em que a escravidão havia saído de cena, mas que seus pensamentos ainda perpetuavam na mente da sociedade brasileira do século passado, reverberando também no nosso tempo atual. Cada observação foi feita para que esse tema tome por referência os crescentes debates raciais que o Brasil vem trazendo de volta para o seu cerne social. Cada parágrafo, frase e palavra fora estudado em um essência linguística e semântica crucial para entender como debates que hoje estão em todos os locais, também eram presentes em uma época onde a escravidão havia acabado de ser expurgada do nosso país, mas que ainda deixou resquícios que pairavam dentro da sociedade brasileira. Mesmo hoje, a linguagem utilizada por ambos os autores, mostra como as pessoas do século passado pensavam e viam as pessoas de pele negra e como ambos, que se tornaram renomados neste período, se fazem presentes nos debates e discussões sobre o assunto, quase como se ainda estivessem presentes no nosso tempo. Isso pode ser utilizado para fomentar ainda mais discussões raciais em escolas, para que crianças negras tenham a capacidade de construir um senso crítico e lutar contra um sistema ainda racista, que sempre despreza essas vidas, nos jornais. Através de jornalistas negros, como Maju Coutinho, Thiago Oliveira, Zileide Silva, Heraldo Pereira - primeiro jornalista negro a apresentar de forma permanente o Jornal Nacional - e Marcelo Pereira, que representa a nova geração, é possível compreender que há caminho sendo trilhado para que as pessoas negras tenham um lugar de destaque sem serem importunadas por comentários preconceituosos. Ver esses jornalistas serve, também, de motivação para que uma nova geração de estudantes percebam que o jornalismo pode ser usado como uma ferramenta para abrir portas e, também, os olhos de uma sociedade, despertando assim um senso de combate ao preconceito em qualquer esfera social no país. O presente trabalho, mesmo trazendo a literatura, é um estudo de como jornalistas do passado utilizavam do seu poder com as palavras para vigiarem as esferas públicas e criticarem injustiças e preconceitos, algo que é de suma importância no aspecto social.

A utilização da análise textual semântica e da linguística sistêmico-funcional oportuniza uma visão de como eram construídas as representações da figura da pessoa negra dentro de uma sociedade que ainda reverbera no contemporâneo. O que se pode levar desta pesquisa é como a LSF se mostra um recurso imprescindível para que a linguística de autores negros do século passado possam ser estudados e analisados, para que assim fortaleça ainda mais as discussões sobre racismo no Brasil, principalmente, em escolas, universidades e áreas da comunicação.

Pode-se concluir então que as análises aqui presentes trazem uma nova visão para a utilização de pesquisas em linguística e semântica que deem ainda mais embasamento em discussões que permanecem em nosso cotidiano enquanto participantes de uma sociedade que, ao longo das décadas, foi se tornando cada vez mais crítica de assuntos que envolvem preconceitos vindos de outros tempos.

Não obstante, este trabalho também é uma forma de instigar novos modos de enxergar o debate sobre racismo no Brasil, tendo um olhar para o começo, no século passado, até o contemporâneo, onde a luta contra um preconceito que não são mais aceitáveis, continua de forma ferrenha por todo um povo que vê a história de seus antepassados oprimidos e não quer mais que isso retorne e retire a liberdade de serem eles o que outros não puderam desfrutar. Além de enxergar, também, como a cultura e a diversidade do país foram sendo moldadas por aqueles que foram tirados de seus lugares de nascimento e realocados em um novo e desconhecido lugar, trazendo em suas bagagens crenças, danças, músicas, artes, entre outros que foram incorporados no cerne da sociedade brasileira.

Sendo assim, pode-se concluir que os objetivos estabelecidos, foram atingidos de forma satisfatória. Atingindo o objetivo principal, foi possível compreender a forma representativa da pessoa negra feita por ambos os autores em suas crônicas, demonstrando que possuíam visões diferentes em relação a esse povo. Nos objetivos específicos, foi possível relacionar as análises feitas com o jornalismo, devido ao teor informativo de crônicas e o papel social que os autores, ambos jornalistas, e o jornalismo em si, exerciam naquela época e hoje também.

A forma como cada autor traz suas visões da sociedade pós-abolição dentro das formas linguísticas e de semântica, ficou perceptível entender como cada cronista possuía sua característica própria nas construções textuais em suas obras. Por fim, foi compreendido como as análises realizadas podem acrescentar nos debates raciais do país que acontecem dia após

dia. Isso se dá através do entendimento da representação da pessoa negra no século passado e como esse tema fomenta a discussão sobre identidade e pertencimento para o povo negro do Brasil.

O autor desta pesquisa, como mencionado na abertura da mesma, é um cotista em uma instituição de nível superior e que entende, muito bem, os desafios que as pessoas negras enfrentam em um país que ainda possui resquícios de um passado extremamente racista. Essa monografia não só evidencia questões raciais de antigamente, que sempre estão pauta, mas também descreve a visão de uma pessoa negra do tempo atual sobre o assunto e como isso ressoa no seu futuro enquanto profissional de uma área que tem o poder de moldar opiniões e mudar sociedades presas em pensamentos datados e que necessitam ser combatidos.

Portanto, nesta pesquisa foi possível concluir que o jornalismo pode e deve ser um espaço de acolhimento para pessoas negras e que possam abrir portas para outras áreas da comunicação e escrita nacional, como a literatura. Além disso, este trabalho se torna apenas o início de novas pesquisas sobre o tema racial no Brasil e que pode gerar novas formas de ver os debates sobre este assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Neide. **“Letramento Racial: um desafio para todos nós”**. Fundação Tide Setubal, 2014.
- ABREU, José António Carvalho Dias de. **“Os abolicionismos na prosa brasileira: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis”**. Tese de doutoramento (Doutorado em Letras: Literatura Brasileira). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. 2013.
- BARRETO, Lima. **“Vida Urbana”**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1915.
- BARRETO, Lima. **“Marginália”**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1920.
- BARRETO, Lima. **“Diário Íntimo”**. Rio de Janeiro: Editora Mário de Menezes, 1953.
- BOSI, Alfredo. **O Teatro Político nas Crônicas de Machado de Assis**. In: **O Teatro Político nas Crônicas de Machado de Assis**. [S. l.]. 2013.
- CHIQUIM, Giovana. **“Escravidão em pauta: Uma análise das crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto que apresentam a figura do negro na sociedade brasileira.”** Literafro, páginas 10, 11 e 12. 2018
- CASTILHO, S. D., (2004). **“A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas.”** Olhar de Professor, vol. 7, n. 1. 2004.
- DE SOUZA, Maria Aparecida Santos. **“Contos e crônicas de Lima Barreto: Uma potência poética no contexto da 10.639/03”**. Anais Seminário Interlinhas 2016.1 - Fábrica de Letras. v.4, n.1. 2016.
- DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. C. (2021). **“Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa”**, Revista da Abralín, v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021.
- DE OLIVEIRA, A. F. **“Etnicidade, memória e poder nas crônicas de Lima Barreto e João do Rio: Entre o dilema e o silenciamento”**, Monografia (Mestrado em Letras: Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 90. 2010.
- DE ASSIS, L. M. (2018). **“Literatura e militância na Belle Époque – o caso de Lima Barreto”**. Revista Anthesis, vol.6, n.11, p. 116–135. 2018.
- DUARTE, E. de A. (2012). **“Conceição Evaristo: literatura e identidade”**. Literafro. 2012.
- DUARTE, E. de A. (2013). **“O negro na literatura brasileira”**. Navegações. vol.6, n.2. 2013.

- DOMINGUES, P; REIS, R. L. A. **“Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira”**. Literatura e Sociedade, v.25, n. 32, p. 148-170. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **“Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”**. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). p. 132-142. 2010.
- FERNANDES, V. B., & SOUZA, M. C. C. C. de. **“Identidade Negra entre exclusão e liberdade”**. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, n. 63, p. 103-120. 2016.
- FILHO, Domicio Proença. **“A trajetória do negro na literatura brasileira”**. Estudos Avançados, v. 18, n. 50 pp. 161-193. 2004.
- FARIAS, Juliana Barreto. **“João do Rio e os africanos: raça e ciência nas crônicas da belle époque carioca”**. Revista de História, São Paulo, n. 162, p. 243–270, 2010.
- GALLOTTI, Manoela. **“Entre espelhos e máscaras: reflexos da representatividade negra na literatura machadiana”**. Anais VII CONEDU - Edição Online. Realize Editora. 2020.
- GOMES, Carlos Magno. **“A identidade cultural enganjada de Lima Barreto”**. Revista Fórum Identidade, ano 2, vol. 3, p. 47-55, 2008.
- HALL, Stuart. **“Cultura e representação”**. Tradução de Isabela Saldanha. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.
- MARTINS, Miliane. **“ A inserção do negro no jornalismo: uma forma de combater o racismo?”**. XVII Congresso da Comunicação na Região Sul. Curitiba - PR. 2016.
- MARTINS, H. **“Luís Gama e a consciência negra na literatura brasileira”**. Afro-Ásia, Salvador, n. 17. 1996.
- PINHEIRO DE VASCONCELOS, Francisco Fábio. **“Literatura Negra: Representação e (RE) construção da identidade”**. Vol.16, p. 19. 2023
- RIO, João do. **“A alma encantadora das ruas”**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
- RIO, João do. **“As religiões no Rio”**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
- SOARES, Mei Hua. **“Memórias e representações da negritude em crônicas de João do Rio e Luiz Antonio Simas”**. Revista de Estudos Literários. p.12. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2021.
- SOUZA, Florentina. **“Personalidades Negras: o escritor Lima Barreto”**, Literafro. 2021.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **“Machado de Assis, contador de histórias: Literatura, história e tragédia na composição da crônica”**. Temas & Matizes, [S. l.], v. 3, n. 6, p. p. 71–78, 2004.

TAVARES, Francilene de Souza. **“Imprensa negra, São Paulo na Primeira República e o ensino de história: As crônicas de Matuto e a discussão racial nas páginas do periódico A Liberdade”**. XXV Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História-SP. 2020.